

BRAZIL, Lael Vital. *Vital Brazil: vida e obra 1865-1950*. Niterói: Instituto Vital Brazil, 2001. 56p. (Discurso proferido na solenidade de comemoração do aniversário de 80 anos do Instituto Vital Brasil, 11 set. 2000).

Vital Brazil: vida e obra 1865-1950

Lael Vital Brazil

Vital Brazil

Quis o destino que tivesse o privilégio de assumir, pela segunda vez, a Presidência do Instituto Vital Brazil, a partir de fevereiro de 1999. Privilégio ímpar, pois ao mesmo tempo em que nos permite reafirmar velhos e novos compromissos, retomar discussões inconclusas e obras inacabadas, em especial nos permite visitar antigos sonhos e ousar na realização de novos desafios para o futuro!

Ao mesmo tempo em que sonhamos os sonhos do futuro, nossos pensamentos dão voltas com os compromissos do passado. O resgate da trajetória histórica desse grande cidadão brasileiro VITAL BRAZIL MINEIRO DA CAMPANHA, seu legado à juventude de nosso Brasil e sua contribuição inestimável à Ciência, à Medicina Experimental e à Saúde Pública, devem ser amplamente divulgados.

Pela voz e pelas mãos de um de seus filhos, LAEL VITAL BRAZIL, Presidente da Casa de Vital Brazil, tomamos conhecimento de fatos inéditos, da maior importância na compreensão do legado que nos deixou Vital Brazil, cabendo destaque aos momentos históricos em que nos narra os laços afetivos e a amizade que uniram Vital Brazil e Oswaldo Cruz nos idos do início do século. Bela e duradoura amizade a que ambos dentistas cultivaram! Como disse Lael em suas palavras iniciais, ao visitar- nos no Instituto Vital Brazil naquela manhã de setembro de 2000, quando comemorávamos o aniversário da inauguração do prédio principal do IVB, aqui compareceu para falar um pouco da coragem, desprendimento e esperança no futuro de seu pai.

Primeiro filho de José Manoel, caixeiro viajante, abolicionista, primo de Tiradentes, rompendo com as tradições da época, recebeu o nome de VITAL BRAZIL MINEIRO DA CAMPANHA, ao vir ao mundo em 28 de abril de 1865. A infância na fazenda de seu avô em Itajubá e em Caldas, seu firme propósito de estudar Medicina no Rio de Janeiro, as esperanças, dificuldades e frustrações e sua brilhante trajetória profissional em São Paulo, o Instituto Butantan e o Instituto Vital Brazil, são retratados por Lael com o detalhamento que somente quem conviveu de perto é capaz de expressar.

Esta publicação preenche o espaço de divulgar um pouco da sabedoria e dos compromissos de grandes brasileiros que honram nosso país, fazendo-nos acreditar que a luta nunca será em vão, desde que acreditemos nas causas que nos motivam. Esse exemplo Vital Brazil deixou gravado para sempre em duas instituições que ergueu do nada.

Além da satisfação, representa motivo de orgulho e honra apresentar esta publicação.

Jorge A. Z. Bermudez

Diretor-Presidente do Instituto Vital Brazil



Vital Brazil Mineiro da Campanha

(1919)

Um Mineiro da Campanha

É com grande satisfação que aqui venho para lhes falar um pouco da vida e da obra daquele que há 80 anos atrás, com muita coragem, desprendimento e esperança no futuro, iniciava um novo empreendimento buscando outra forma de servir ao seu semelhante através da pesquisa científica suportada pela produção de urna limitada linha de produtos farmacêuticos, químicos e biológicos. Aos 54 anos de idade, em 1919, deixava a direção do Instituto Butantan em São Paulo para, com o apoio do Presidente do Estado do Rio de Janeiro, se lançar, por conta e risco próprios, em iniciava inédita e desconhecida nos meios empresariais e da administração pública brasileira da época.

Para melhor compreender a importância e o significado destas palavras, é preciso conhecer um pouco da história do fundador e patrono desta grande e renomada instituição, cuja vocação primeira é a de servir à humanidade através do desprendimento dedicado ao estudo das ciências médicas e do perseverante trabalho consagrado às suas realizações.

Assim, nossa narrativa começa com o casamento de José Manoel dos Santos Pereira Júnior e Mariana Carolina Pereira Magalhães ocorrido em Campanha, Minas Gerais, em 1860.

Ele, nascido em Itajubá, filho de fazendeiro da mais tradicional família itajubense. Ela, com 15 anos, filha de campanhenses e descendente dos mais antigos colonizadores, era prima em quinto grau do mártir das nossas liberdades pátrias, o Tiradentes.

Caixeiro viajante, pois ainda jovem havia abandonado os estudos, José Manoel freqüentemente se ausentava viajando com sua tropa de burros para o Rio de Janeiro, levando alguns produtos das fazendas e de lá trazendo mercadorias que eram comercializadas nas pequenas vilas e cidades sul mineiras. Abolicionista, liberal de idéias republicanas, afastado e ressentido com a família paterna pela oposição ao casamento de sua mãe, resolveu dar aos filhos nomes sem vínculo familiar, para que cada um construísse o futuro por meios próprios, sem contar com heranças ou qualquer outra dependência parentesca.

Assim, ao nascer seu primeiro filho, em 28 de abril de 1865 - dia de São Vital -, em Campanha, Minas Gerais, chamou-o de: **Vital Brazil Mineiro da Campanha o Mineiro** que iria vencer **Campanha Vital** para o **Brasil**.

Os Primeiros Tempos

A infância de Vital foi passada em Campanha e em Itajubá.

Em Itajubá, na fazenda de seu avô, o menino Vital viveu dias inesquecíveis. A fazenda era enorme e produzia de tudo, só importando a seda para a confecção dos vestidos usados nas festas, o sal que vinha de Macaé e Cabo Frio e algumas ferramentas. O que não era consumido era exportado, as tropas de burros, carregadas dos mais variados produtos, viajavam até o porto de Paraty ou ao Rio de Janeiro, onde comerciavam a sua carga, de lá trazendo a mercadoria que faltava à região.

Apesar da tenra idade, o instinto do pesquisador já se manifestava. Quando não estava brincando, Vital observava com grande interesse e atenção, durante horas a fio, o trabalho dos escravos em todos os seus detalhes. Assim aprendeu a fabricar a corda de fumo por meio de cambitos, a fiar o algodão, a tecer, a fabricar a farinha de milho, a moer a cana, a fabricar a cachaça, o melaço e a rapadura.

Como nascimento de sua segunda irmã, em dezembro de 1870, aumentaram as dificuldades do casal, que havia deixado a fazenda para residir na cidade de Itajubá. José Manoel decidiu abandonar a atividade de caixeiro viajante e procurar outro meio de vida. Com o apoio e a ajuda de políticos amigos de seu pai, conseguiu sua nomeação para um dos tabelionatos da cidade de Caldas, uma das mais antigas comarcas da região.

Em Caldas nasceram cinco dos seus irmãos, que acrescidos das duas meninas nascidas em Itajubá completavam a prole de oito filhos, dois homens e seis meninas, todos batizados com nomes diferentes e que homenageavam a terra

onde nasceram. Assim sendo, este que fala aos senhores, filho de Vital Brazil Mineiro da Campanha, é neto de José Manoel dos Santos Pereira Júnior e de Mariana Carolina Pereira de Magalhães e tem pelo lado paterno sete tios: Maria Gabriela do Vale do Sapucahy; Iracema Ema do Vale do Sapucahy; Judith Parasita de Caldas; Acácia Sensitiva Indígena de Caldas; Oscar Americano de Caldas; Fileta Camponesa de Caldas e, finalmente, Eunice Peregrina de Caldas.

A vila de Caldas foi o lugar onde Vital acabou de viver a meninice, viveu a adolescência, e recebeu as primeiras influências formadoras de sua mentalidade e de seu caráter. Na escola pública do Prof. José Eugênio de Sales, moço inteligente e educado dado ao jornalismo e fundador do primeiro jornal de Caldas, "O Caldense", Vital teve a oportunidade de manejar o prelo de impressão e a composição de tipos. Da escola do Sr. José Eugênio passou para a do Sr. Miguel, que representava a última palavra em matéria de ensino, pois o Reverendo Miguel Gonçalves Torres, pastor protestante, trazia os métodos americanos através dos quais aprendera. O livro de leitura era a História da Bíblia de Barth, que ele comentava, trazendo belas lições de moral. Teve o Rev. Miguel Torres grande influência, não só na formação, educação e instrução de Vital Brazil, como também na família de José Manoel e Mariana, convertidos em 1878 ao protestantismo.

Jogador inveterado, assíduo freqüentador das mesas de carteador, José Manoel "encalacrrou-se" de tal modo que foi obrigado a vender o cartório para pagar suas dívidas. Nessas condições, após breve passagem por Guaxupé, onde moraram com alguns parentes de Mariana, Vital chegou com seus pais e sete irmãos a São Paulo em 1880.

Urgia encontrar trabalho para os dois homens que deveriam sustentar a família. José, com o apoio da Igreja Presbiteriana, logo conseguiu colocar-se como vigilante no Colégio Morton, mas para Vital, com 15 anos, todas as tentativas para uma colocação no comércio foram frustradas; teve então que aceitar o lugar de condutor de bondes na Cia. de Carris Urbanos da Capital. Fundado pelo missionário americano George Morton, o colégio foi o primeiro ponto de apoio da família de José Manoel, que o destino tinha providencialmente trazido para São Paulo. Começava para Vital um longo período de dificuldades e sacrifícios que iriam dar têmpera ao seu caráter, e ensinar-lhe a ter paciência, a perseverar, a respeitar e a valorizar as grandes virtudes.

O espírito irrequieto de José Manoel não permitia acomodação, alguma coisa precisava ser feita para melhorar as condições de vida da família. Assim, passados poucos meses, conseguiu que seu filho Vital fosse aceito pela missão protestante no curso para ministro evangélico, recebendo a importância de quarenta mil reis como mesada. Como todo estudante fosse obrigado a prestar serviços à missão, Vital foi incumbido inicialmente da limpeza; logo pela manhã antes do início das aulas, de vassoura em punho varria todo o colégio. Mais tarde encarregado do jornal protestante **Imprensa Evangélica**, corrigia as provas, tomava nota dos assinantes, e de saco nas costas levava os jornais ao correio.

Sem vocação para o exercício do ministério, o jovem mineiro resolveu voltar a cursar os preparatórios que permitiriam seu ingresso no curso superior. Nestas condições, por iniciativa própria, o estudante foi procurar o Sr. Morton propondo lecionar gratuitamente no curso primário para ter o direito de freqüentar as aulas do curso secundário. Aceita a proposta, Vital Brazil, ainda em tenra idade, tomou-se professor, e ensinando ganhava o direito de aprender, condição que passou a adotar como solução para as dificuldades que viria a enfrentar.

Com alguns preparatórios concluídos aos 19 anos e o firme propósito de estudar medicina, o professor estudante desejava ir para o Rio de Janeiro, onde se encontrava uma das duas escolas de medicina existentes naquela época. Como não tivesse dinheiro para as passagens de trem, seu pai conseguiu um passe de ida e volta da polícia, o que permitiu que o jovem de bolsos vazios mas com o coração cheio de esperanças embarcasse com destino à capital, onde deveria se apresentar no Colégio do Dr. Menezes Vieira, que por correspondência havia contratado o jovem professor.

Ansioso para dar início aos estudos, que dependiam das aulas que deveria lecionar, foi recebido no Colégio, tendo que esperar por uma definição durante longo tempo. O Diretor da instituição finalmente se manifesta, decidindo não honrar o compromisso assumido. Sem meios para qualquer reação, surpreso e decepcionado, Vital tomou o caminho para a estação, onde ficou à espera do trem que o levaria de volta a São Paulo. Sem desanimar e com a força redobrada dos homens determinados quando em confronto com um desafio maior, retomou ao "Curral dos Bichos", local assim chamado pelos veteranos, destinado aos estudantes dos cursos preparatórios. Nessa ocasião foi contemporâneo de seu primo paterno Venceslau Braz Pereira Gomes e de Delfim Moreira da Costa Ribeiro, ambos se preparando para a escola de Direito e futuros Presidentes da República. Terminados os preparatórios, apesar do dinheiro ganho com o trabalho fora das horas de estudo, não tinha recursos para voltar ao Rio de Janeiro - tudo havia sido gasto na manutenção da família e nas mesas de jogo freqüentadas por José Manoel.



José Manoel dos Santos Pereira Júnior
(pai de Vital Brazil)



Vital Brazil (recém formado)

A Escola de Medicina

Aproximava-se a época da matrícula na Faculdade de Medicina, desta vez, porém, com o apoio de sua mãe; espírito prevenido e decisão tomada, com ou sem dinheiro haveria de chegar à capital e lá iniciar seus estudos. José Manoel, sentindo a forte determinação do filho, que não abria mão de seu intento, arranhou-lhe uma série de cartas de apresentação para gente que podia eventualmente arranjar um emprego para o rapaz, ao mesmo tempo em que, com a interveniência do primo José Pereira Cabral, agora advogado e fazendeiro em

Itajubá, conseguia em casa de uns comerciantes um lugar para o jovem se hospedar por alguns dias até começar a trabalhar.

Com o firme propósito de estudar medicina, Vital Brazil chegou ao Rio de Janeiro em 1886; de bolsos vazios mas com o coração cheio de esperança, começou a entregar as cartas de recomendação que seu pai conseguira. À medida que encontrava o endereço do destinatário e fazia a entrega da missiva, durante o silêncio da leitura procurava perceber, no olhar do leitor, algum sinal de apoio e receptividade. Mas qual nada, o constrangimento era maior a cada entrega, e a negativa, uma constante. Assim, foi parar no Andaraí, à procura da casa de um ex-deputado e Conselheiro do Império a quem era dirigida uma das cartas remanescentes, na qual José Manoel apresentava seu filho como moço pobre que queria estudar. Doente, o velho parlamentar recebeu das mãos do jovem constrangido o envelope cheio de esperança. A reação foi brusca, agressiva e inesperada: "moço pobre não estuda, vai empregar-se no comércio, isso de estudar medicina é para quem pode". Com lágrimas nos olhos, chocado por tamanha violência, Vital Brazil retirou-se. Do peito vinha o grito de revolta; do pensamento, a força da determinação: "pobre pode e deve estudar, hei de estudar e ser médico".

Decidido, rasgou as outras cartas que ainda possuía, comprou um jornal e foi direto à coluna do "precisa-se". Aí encontrou um anúncio do Colégio Froebel, que procurava um professor, dava casa, comida e um salário de quarenta mil réis. Não havia o que pensar; correu para lá, e apresentando-se foi logo contratado. Com o mínimo para sobreviver, ingressou na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, realizando a primeira etapa do seu grande sonho.

Os anos que se seguiram foram um verdadeiro desafio à força de vontade e à perseverança do estudante. Para ter o tempo necessário para a freqüência às aulas, tomou-se escrevente de polícia, dava aulas para as filhas de um fotógrafo em troca de alimentação e lecionava no período noturno no Liceu de Artes e Ofícios. Andava a pé para economizar o dinheiro da passagem de bonde, e à noite, em seu pequenino quarto na casa de cômodos da rua do Lavradio, após um dia inteiro de trabalho, debruçava-se sobre os livros emprestados pelos colegas, gravando em sua memória e anotando toda a sua essência, pois, não podendo comprá-los, não era possível contar com eles para consulta na época dos exames. A fraca iluminação das lamparinas de azeite e o cansaço faziam com que o sono se transformasse em instrumento de tortura para o leitor, situação sempre resolvida pela imersão dos pés em uma bacia de água fria.

Como estudante teve a oportunidade de conhecer o Imperador, e de assistir a duas datas importantes da nossa história: a Libertação dos Escravos e a Proclamação da República.

Nessa época, o Imperador, nascido em 1825 e contando mais de sessenta anos, não deixava de prestigiar com sua presença todos os concursos para provimento das cadeiras das Faculdades. Acompanhando de perto a classificação dos

candidatos, exigia a nomeação do primeiro colocado e não permitia o favoritismo e outras trapagens. Sempre que havia uma defesa de tese de aluno distinto, ele pedia ao diretor da escola para avisá-lo, pois fazia questão de assistir à sua exposição. Não muito raro aparecia na escola, escolhendo uma das aulas, a que assistia sentado em uma poltrona colocada à frente. Foi assim que Vital Brazil por diversas vezes teve a oportunidade de vê-lo de perto e de conhecê-lo pessoalmente. Era uma figura venerada, altamente interessado em tudo o que se referia à educação, aos bons princípios da moral, da ética e dos bons costumes. D. Pedro custeava de seu bolso as despesas de vários estudantes, tanto no país como no estrangeiro. Vale aqui lembrar que, amigo e admirador de Pasteur, contribuiu pessoalmente com substancial quantia para a fundação do Instituto fundado por este grande benfeitor da humanidade.

Apesar do respeito e admiração que tinham pelo imperador, estudantes e professores eram contrários ao governo e favoráveis à república, almejando maior igualdade e a participação democrática.

Quando ocorreu a Proclamação da República, Vital morava na ladeira do Castelo, e logo que teve notícia da revolução se apressou em apresentar-se à escola, onde encontrou o republicano e professor Dr. Barata Ribeiro, que formava e organizava com grande entusiasmo o batalhão acadêmico, do qual se proclamou comandante e que teve Vital como participante. Sob o comando daquele, o rapaz seguiu com o batalhão para a intendência de Guerra, onde um segundo tenente iniciou a instrução militar e forneceu as pesadas carabinas *comblain*. Na tarde desse dia, o batalhão foi apresentar armas ao Marechal Deodoro da Fonseca, que morava em um pequeno sobrado com frente para o Campo de Sant'Ana. Doente, o velho Marechal já havia se recolhido ao leito, mas, ao saber da presença do Batalhão Acadêmico, levantou-se e apareceu na sacada para receber as homenagens. Viveu assim o jovem estudante Vital Brazil esse momento histórico da vida nacional.

Nessa ocasião, pensando na tese que deveria apresentar à faculdade por ocasião de sua formatura, recebeu do amigo fotógrafo Elias, adepto da homeopatia, a sugestão de estudar a planta pulméria, muito usada no tratamento de pessoas mordidas por cobra. A idéia agradou. Chegou à conclusão de que nada poderia ser feito sem um laboratório e sem a ajuda de um profissional para orientá-lo nas pesquisas e experiências. Foi procurar então o Dr. Domingos José Freire, único experimentador daquela época e professor de química orgânica e biológica, no intento de conseguir deste o apoio e a ajuda necessários. Infelizmente o professor não se interessou pelo projeto e Vital teve que desistir do tema escolhido para sua tese de formatura.

Formou-se Vital Brazil Mineiro da Campanha, em dezembro de 1891, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fazendo jus ao título de "Doutor em ciências médico-cirúrgicas" (como consta de seu diploma assinado pelo Barão do Lavradio) pela defesa da tese "Funções do Baço", apresentada de forma

manuscrita em 15 de dezembro de 1891 e defendida e aprovada em 9 de janeiro de 1892.

O Médico Sanitarista

De regresso a São Paulo, Vital Brazil foi contratado pelo Serviço Sanitário do Estado, seguindo em comissões de higiene no combate à febre amarela nas localidades de Belém do Descalvado, Rio Claro e Jaú, sendo mais tarde, já em 1893, nomeado Delegado de Higiene na cidade de São Paulo. Participou então da comissão de especialistas para estudo do saneamento das localidades do interior assoladas pela febre amarela, malária, varíola, difteria e outras endemias, viajando para Belém do Descalvado, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, Cachoeira e Barra do Piraí, onde, além de combater essas enfermidades, estabelecia planos e promovia o saneamento básico local. Em 1895, seguiu para Cachoeira, no Vale do Paraíba, chefiando a Comissão Sanitária no combate à epidemia de cólera-morbo que se instalara na região. Sempre elogiado por seus superiores pelo desempenho e resultados obtidos, o jovem médico não media riscos e nem poupava esforços para bem servir à população flagelada pelas impiedosas enfermidades que dizimavam homens, mulheres e crianças.

Instado pela sua mãe e pela sua esposa, que temiam pela sua vida, Vital Brazil resolveu deixar o serviço público e dedicar-se à clínica médica. Em 1895, o destino o conduziu à pequena Botucatu, porta-do-sertão, cabeça de comarca estendida entre os rios Tietê e Paranapanema, a qual dividia-se, para tudo, entre católicos e protestantes, estes chegadiços. Havia escola, clube, comércio, professores de uma e outra postura religiosa e uma "cidadela" protestante no coração da cidade. Os protestantes chamaram professores e médicos protestantes. Como tal é que Vital Brazil se dirigiu para lá, a fim de servir a seus irmãos. Para que também atendesse nas fazendas carreiras, deram-lhe trole, troleiro, escala de linhas ou direções dos locais que deveriam ser atendidos.

Quem nos conta é o grande médico e historiador Henrique Donato. A história revela o caráter de Vital Brazil e ajuda a compreendê-lo, sua vida e obra.

"Troleiro, foi Sebastião Pinto Conceição, que se orgulhava dos dias vividos troleando Vital Brazil, contava com gosto de repetir o sucedido com o campeiro mordido por cobra.

O troleiro conhecia a estrada e a gente ao longo do traçado. Colonos, retireiros, agregados. Onde branquejasse um pano branco, troleiro e doutor liam a mensagem: "precisamos do médico". O trole enfiava pelo caminho, balizado pelos panos brancos.

Um dia, o branquejar de toalhas e lençóis encaminhou o trole à casa de um campeiro notório. Mesmo tendo o patrão fervorosamente protestante, teimava em continuar católico e em não renunciar ao largo renome de caçador, de beberrão de fim de semana e de exercitado e

convicto adúltero. Como sério agravante, zombava dos esforços de quantos empreendiam convertê-lo ao protestantismo; ao contrário da esposa, que dera e mantinha seu voto com fervor de neófita, ele seguia convictamente mergulhado nos pecados em que se deliciava.

Naquela manhã encontraram-no deitado, mais bêbado do que ferido. Cheiravam, ele e o quarto, a fumo de corda e cachaça. A mulher explicou: - Anteontem, no meio da tarde, foi picado por uma cascavel.

O médico, sério e reprovativo, observou: - Anteontem?! Por que não o levaram para a cidade?

Ela levantou o lençol, exibindo a perna do marido. Sobre a picada, escandalizava um feio emplastro tresandando a fumo mascado e pinga, arruda, breu e talo de bananeira. Tudo isso envolto pelas contas de rosário de carapiá. Na região, tinha-se por certo que nada melhor para sustar a "subida" do veneno de cobra do que "laço" de rosário de carapiá. Como reforço absoluto, uma oração endereçada a São Lázaro.

Mais envergonhada pelo rosário, o santo, a cachaça e o resto do que pelo molesto, confusa diante do médico ilustre e do protestante convicto, a dona da casa e do ferido católico, tentou justificar: - Desculpe, doutor. Ele não quis ir para a cidade. Teimou na bebida e nessa abominação...

Dizendo isto, ensaiou arrancar o rosário e o emplastro. Vital deteve-lhe o gesto: -Deixe tudo como está por mais uma hora. Procure acordá-lo. Depois, limpe bem a ferida e faça o seguinte:...

Seguiu-se uma série de recomendações.

Mais tarde, tão logo acomodou-se na boléia do trole ao lado do médico, continuando a peregrinação em busca de panos brancos, o troleiro observou, entre curioso e ousadamente reparador: - Não entendi, doutor Vital. Tenho visto o senhor tão enérgico quando se trata de cuidados médicos ou de emprego de credence como remédio, mas nesse caso, mesmo sendo mordida de cascavel... pa rece que o senhor concordou com o homem. Rosário de carapiá então é bom para curar mordida de cobra?

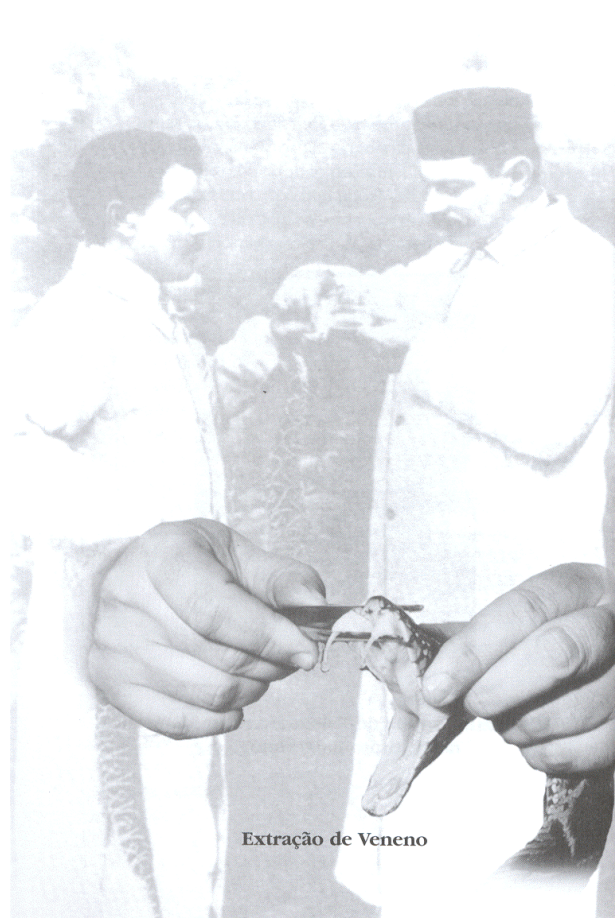
Pois Vital explicou, como se diante não do troleiro, mas de alunos atentos ou de compungida comunidade evangélica: - Não, não acredito que fumo, cachaça e rosário disto ou daquilo possam mais do que veneno de cascavel em corpo humano. Mas se a cobra picou anteontem e o homem na verdade só padece de forte ressaca, devo concluir que a cobra estava sem veneno no instante da mordida. Ele nem precisaria de tratos. Mas quis se tratar e nessa precisão pôs fé no emplastro e no rosário. Mostrou-se homem de expediente e de fé. Por

enquanto, não tenho nem medicina nem ensinamento para substituir os recursos que ele tem e usa. O que não posso, como médico e homem religioso, é deixar uma criatura sem os remédios nos quais confia e retirar-lhe a fé na qual descansa. Ele está salvo e com fé robustecida. Que mais desejar para um homem?

A grandeza de um homem referencial bem pode ser revelada por um pequeno-grande episódio." (da Revista da Academia Paulista de História - Ano XI - Nº 51)



Vital Brazil, Bonilha de Toledo e Arthur Mendonça no Instituto Bacteriológico



As Pesquisas Antiofídicas

Em Botucatu, Vital reencontrou seu grande e velho amigo, o Reverendo Carvalho Braga. A palavra do amigo, que falava das várias plantas empregadas empiricamente no tratamento dos acidentes ofídicos, e a forte emoção sentida pela morte de uma jovem paciente fizeram o médico se entregar ao estudo, com o objetivo de descobrir a verdade e explicar a razão de serem tão várias as substâncias preconizadas contra o envenenamento.

O primeiro passo foi vencer o pavor da serpente. Compradas dos roceiros, eram colocadas em caixas de madeira e guardadas em um pequeno quarto no fundo do quintal. Era preciso, no entanto, tirá-las da caixa, observar-lhes o comportamento e extrair seu veneno, tudo com muito cuidado, pois qualquer descuido poderia ser fatal. O pesquisador estava empenhado nas suas experiências com vários extratos vegetais quando chegou-lhe às mãos o trabalho de Calmette, que focalizava a resolução do ofidismo pela soroterapia. A simples leitura desse trabalho revelou aos olhos do cientista a verdade, levando-o a mudar inteiramente o rumo das suas pesquisas. Experimentar a imunologia e a soroterapia na pequena e longínqua Botucatu seria pura perda de tempo. Vital resolve

abandonar a clínica e voltar à capital do estado para dar prosseguimento ao trabalho.

Com a ajuda dos amigos e o excelente conceito deixado no serviço público, em 14 de junho de 1897 é nomeado assistente do Instituto Bacteriológico, sob a direção do eminente médico e sábio naturalista Adolfo Lutz. Dele Vital Brazil obteve não só autorização para ocupar-se do ofidismo, como também recebeu os mais sábios conselhos. O entusiasmo e a dedicação do pesquisador logo conquistaram a amizade e a admiração do chefe e dos colegas, que passaram a incentivar o jovem médico a perseverar na busca da verdade. Vital Brazil verifica a inatividade do soro de Calmette sobre os venenos da nossa cascavel e da jararaca, fato que o levou a imunizar, em laboratório, animais com os venenos das serpentes brasileiras e pesquisar a especificidade.

Conseguiu. O soro anticrotálico é ativo contra o veneno da cascavel e o botrópico, contra os venenos das espécies Bothrops. A especificidade dos soros antipeçonhentos passa a ser uma realidade científica.

Adolfo Lutz alcança o valor destes primeiros ensaios e solicita ao Governo a criação de um instituto, onde Vital Brazil pudesse prosseguir suas investigações. No Instituto Bacteriológico não havia espaço suficiente nem instalações para o cativeiro das serpentes, para estabulação de grandes animais e para os serviços de imunização, o que inviabilizava a fase final do trabalho: a produção do soro em larga escala.

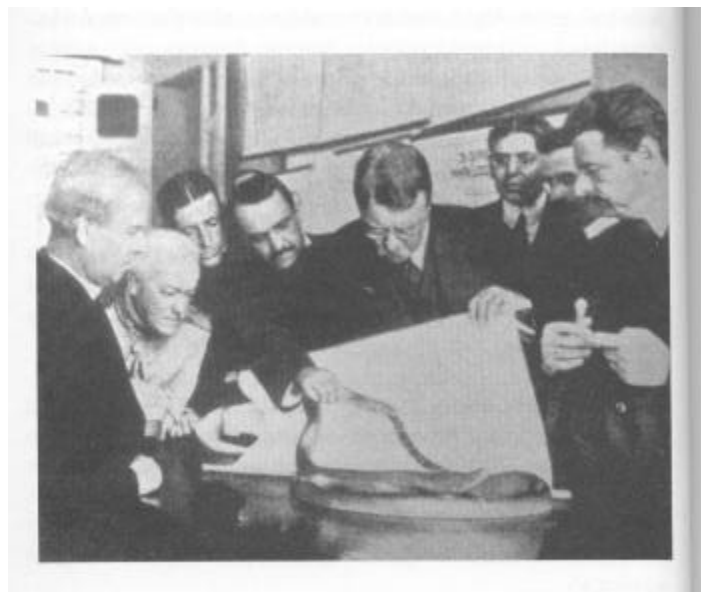
O surto epidêmico surgido em Santos, em 1899, preocupa as autoridades sanitárias. O Instituto Bacteriológico convocado para identificar a origem do mal envia Vital Brazil, que parte para aquela cidade em 9 de outubro. Médico experiente na área de combate às endemias, instala um rudimentar laboratório em um dos quartos do hospital da Santa Casa, identifica a epizootia de ratos, obtendo culturas positivas do bacilo da peste, e realiza autópsias. Não há dúvida, trata-se da peste bubônica. Adolfo Lutz, em São Paulo, acompanha com interesse o trabalho e confirma os resultados dos exames de laboratório. Medidas enérgicas precisam ser tomadas para conter a doença trazida e propagada pelos ratos.

O povo não quer que seja a peste porque não convém aos seus interesses. Alguns médicos mal orientados alimentam a incredulidade e a revolta popular. Trata-se de um porto, e todo o comércio está prejudicado; as pressões são enormes sobre Vital Brazil, que com inabalável firmeza prossegue no trabalho. Em 21 de outubro entra no isolamento um doente em estado grave, Vital se empenha na prova final do seu diagnóstico, mas dois dias depois começa a sentir os sintomas da moléstia.

Enviado pela Saúde Federal, pressionada pela repercussão da crise estabelecida na cidade portuária, Oswaldo Cruz chega com a missão de acompanhar os trabalhos. Vital, acamado, relata os resultados obtidos e lhe confia o

prosseguimento do trabalho. Não resta dúvida, o exame de uma cultura preparada por Vital Brazil demonstra um resultado claro e indiscutível - é peste mesmo. Satisfeito por ter descoberto a verdade, Oswaldo Cruz apressa-se em informá-la ao vitorioso colega acamado. Entra no quarto deste e vai dizendo: "Parabéns, Vital, você está com peste". Começou aí a amizade entre esses dois expoentes da medicina brasileira, cultivada nos anos que se seguiram pelo respeito e mútua admiração.

A rapidez da ação correta e a competência de Vital Brazil permitiram às autoridades sanitárias logo debelar a epidemia, propiciando ao povo santista a retomada da normalidade em segurança.



Visita de Roosevelt ao Butantan

O Instituto Butantan

Quando ainda convalescente regressa a São Paulo, no Governo do Coronel Fernando Prestes, assistido pelo grande e ilustre Dr. Emílio Ribas, já havia adquirido a Fazenda do Butantan para ali instalar o aludido instituto sugerido por Adolfo Lutz. No Rio de Janeiro, o Barão de Pedro Afonso contrata Oswaldo Cruz como diretor técnico do Instituto de Manguinhos. Deste modo, Butantan e Manguinhos nasceram ao mesmo tempo, movidos pela mesma causa e com os mesmos objetivos.

Amparado pelo entusiasmo pela soroterapia e pelo grande desafio, Vital Brazil, comissionado, entra na Fazenda do Butantan em 24 de dezembro de 1899 com a incumbência de ali organizar, instalar e dirigir um laboratório com a finalidade de

produzir o soro antipestoso. Na bagagem trouxe seu trabalho sobre ofidismo, exultando com a feliz oportunidade de aplicar em maior escala e em grandes animais os conhecimentos colhidos na experiência realizada em animais de laboratório.

O estábulo da fazenda, onde faziam a ordenha, rapidamente murado e adaptado, passou a servir como laboratório e foi aí, nesse ambiente paupérrimo onde o desconforto competia com a impropriedade das instalações, que tiveram início, em 1900, os primeiros trabalhos técnicos do Butantan. Sob sua administração, o Butantan já no ano seguinte produzia e entregava ao consumo os primeiros frascos de soro antipestoso e antiofídico, e em pouco tempo se tomaria um grande centro de pesquisas, verdadeiro marco na ciência experimental, reconhecido mundialmente pelos trabalhos científicos ali realizados.

A descoberta de Vital Brazil no que diz respeito à especificidade dos soros antipeçonhentos estabeleceu um novo conceito na imunologia, e seu trabalho sobre a dosagem dos soros antiofídicos criou tecnologia inédita. A criação dos soros antipeçonhentos específicos e o antiofídico polivalente ofereceu à medicina, pela primeira vez, um produto realmente eficaz no tratamento do acidente ofídico que, sem substituto, permanece salvando centenas de milhares de vidas nestes últimos 98 anos.

Na primeira década do século, o sistema de trocas de cobras por soro com os fazendeiros havia dado certo crescia diariamente o interesse e a procura. Era imprescindível aumentar a produção dos soros antipeçonhentos. Vital Brazil solicita a seu chefe imediato, o Dr. Emílio Ribas, Diretor do Serviço Sanitário do Estado, a aquisição de 10 cavalos para a imunização. Este, cumprindo as normas administrativas vigentes, encaminhou o pedido ao Secretário do Interior, pasta na época ocupada pelo Dr. Bento Bueno. Este Secretário de Estado, desconhecendo o papel de relevo do Instituto Butantan, mandou dizer ao Dr. Ribas que perguntasse ao Dr. Vital Brazil se já não se sentia satisfeito com o cargo que lhe haviam dado. Tal recado foi transmitido pelo Dr. Ribas ao seu grande amigo com o cuidado de atenuar as palavras do Secretário, de modo a não produzir mágoa.

A reação surgiu de modo inesperado. O diretor do Butantan sugeriu a seu chefe, Dr. Ribas, que dirigisse um convite ao Dr. Bento Bueno para visitar o Instituto, pois assim poderia se certificar da necessidade do pedido ao mesmo tempo em que iria conhecer mais um setor subordinado à sua Secretaria.

Marcada a data, a visita foi realizada ainda no velho galpão da antiga fazenda que servira de estábulo. Bento Bueno conheceu então o trabalho que tanto honrava São Paulo. Viu cobras de todas as espécies, assistiu à extração do veneno e à luta da jararaca com a muçurana. Lá, no ambiente onde tudo era improvisado, o Secretário do Interior mediu o esforço que era feito para que não faltassem esses novos recursos humanitários às inúmeras vítimas dos acidentes ofídicos. Certificara-se, portanto, não só da necessidade dos animais como também da validade do pedido.

Ao despedir-se, segundo relato próprio, o Dr. Bento Bueno perguntou ao Dr. Vital quantos animais seriam necessários para o "seu" Instituto. Com a resposta de que ficaria satisfeito com os que solicitara, o Dr. Bueno disse-lhe afirmativamente: "pois terá estes e muito mais".

De fato, dias mais tarde chegou ao Butantan um lote de muarees adquiridos pelo Estado junto à Cia. de Viação Paulista, concessionária do serviço de bondes na capital, que se tornou excelente produtor de soro. Daí em diante, Vital Brazil passou a contar com mais um amigo sincero que o atendia prontamente.

Dependendo da aprovação do orçamento, que apresentava anualmente a seus superiores a fim de que se tomassem as medidas administrativas necessárias, o cientista teve de empregar toda sua capacidade de improvisação e perseverança. Para a construção de uma caixa d'água que satisfizesse o consumo, foram necessários cinco anos, e as instalações apropriadas ao laboratório, inauguradas em 1914, exigiram quatorze anos de espera e sacrifícios do diretor e de seus assistentes, que aos poucos moldavam a forma e a estrutura dessa grande instituição.

Se para o cientista Vital Brazil os resultados obtidos no laboratório eram definitivamente satisfatórios, para o médico humanitário ainda havia muito o que fazer. Era preciso, além de vencer lendas e crendices, produzir soro em quantidade suficiente e colocá-lo ao alcance do homem do campo, a maior vítima do ofidismo. Com a visão ampla do problema, busca na sua imaginação todos os recursos para desencadear o que chamou "a defesa contra o ofidismo", extenso programa de ação objetivando divulgar e levar ao interior a mensagem e o recurso do novo tratamento.

Aproveitando-se da correspondência cerrada com humildes homens do campo, ensina-lhes as medidas de proteção contra acidentes, através do uso do calçado, da bota, da proteção a animais ofiófagos como o cangambá, a seriema e a muçurana, serpente inofensiva que se alimenta de serpentes venenosas, a cujos venenos é imune, descoberta no Butantan por Vital Brazil. Praticava então, no início do século, a ecologia, defendendo a preservação das espécies animais que contribuem para o equilíbrio da natureza.

De modo a complementar todas essas medidas, em 1911 escreve e publica o livro **A Defesa Contra o Ofidismo**, obra de grande valor didático, técnico e científico, escrita em linguagem clara e de fácil entendimento para atender ao maior número possível de interessados. O interesse despertado pela obra fez com que fosse reeditada e traduzida para o francês em 1914.

Desta forma, o Instituto Butantan se tomou um centro de atração visitado por turistas vindos de todas as partes do mundo, entre eles os especialmente interessados, figuras do mais alto nível cultural e especialistas de outras instituições. Emst Bresslau, Émile Brumpt, Marchoux, Theodoro Roosevelt, Santos Dumond, Rei Alberto da Bélgica, a rainha Elizabeth e o príncipe Leopoldo estão

entre outros vultos de projeção mundial que puderam testemunhar a excelência da instituição. Sobre sua visita, em 6 de abril de 1914, Rui Barbosa assim se expressou:

"É com sincero entusiasmo que exprimo a minha admiração para com esta casa, pelo que dela sei e acabo de ver. Felizes de nós, se a cultura geral do país e o progresso brasileiro estivessem à altura desta esplêndida instituição, honra do sábio que a dirige, dos homens de ciência que nela brilham, do povo que dela se desvanece e do governo que lhe tem compreendido o valor". Abril, 6, 1914. ass: Rui Barbosa. (do livro de visitas do Butantan)

Em novembro de 1915, o Diretor do Butantan recebe um convite do Carnegie Endowment for Peace, transmitido pelo Embaixador Americano, para que, como hóspede daquela instituição, assistisse ao Congresso Científico Pan-Americano, a reunir-se em Washington na última quinzena de dezembro.

Sobre o episódio, reproduzimos a notícia do **Jornal do Comércio**, de 19 de março de 1916, com o título "O Brasil no Congresso Científico Pan-Americano", assinado pelo Dr. Rodrigues Dória.

"O Congresso Científico Pan-Americano reunido na cidade de Washington, em 27 de dezembro último, e no qual estiveram presentes três médicos brasileiros, deu ensejo a que ficasse patente e conhecido da grande nação norte-americana o valor das investigações médicas no Brasil, pelo trabalho apresentado pelo Dr. Vital Brazil sobre o "Ofidismo" e principalmente por um acidente que o acaso forneceu, da mordedura de uma cascavel, acidente que veio firmar a importância e eficácia do soro antiofídico, preparado no Instituto Paulista do Butantan.

(...)

Os insucessos de outros soros antiofídicos, em vários casos, produzia tal ou qual descrença, mesmo no espírito dos profissionais em relação à eficácia terapêutica do contraveneno.

Estávamos em Nova York esperando o vapor para a volta ao Brasil quando no Bronx Park o tratador das cobras fora mordido por uma cascavel do Texas, fato estranho, pois há dezessete anos esse homem lidava com os ofídios do parque, conhecendo o perigo de alguns. Fizeram-se aplicações do soro antiofídico de Calmette sem o menor benefício. Foi então que se lembraram da estada na cidade do Dr. Vital Brazil; o qual, chamado, levou pressurosamente seu soro, que fez injetar no doente pelo médico do hospital onde fora internado o paciente.

A impressão então causada por esse acidente foi profunda e as referências da imprensa leiga ao fato foram as mais lisonjeiras.

Ficou-se então sabendo nos Estados Unidos da América do Norte que no Brasil há homens trabalhadores e dedicados à ciência, obtendo do seu esforço brilhantes resultados".

De fato o jornal **The New York Times**, por três vezes, nos dias 28 e 29 de janeiro e em 7 de fevereiro de 1916, tratou do assunto; esta última notícia inclui a informação do embarque do Dr. Ritol Brazil (sic), ocorrido no sábado, dia 5 de fevereiro, no navio Vauban. Antes de partir, em visita a um John Toomey quase completamente restabelecido, ouvindo deste um comovido agradecimento por ter-lhe salvo a vida, respondeu-lhe: "o senhor não me deve nada, pelo contrário, eu é quem lhe devo a grande oportunidade de testar e divulgar a eficiência do nosso soro".

De regresso ao Brasil, além de fortemente impressionado com o que viu nas Universidades e nos laboratórios que visitou, o Diretor do Butantan trouxe copioso material recebido em retribuição ao que ofertara ao Bronx Park - vários exemplares vivos de serpentes norte-americanas, que aqui estudadas contribuíram para ampliar ainda mais os conhecimentos sobre o ofidismo no maior centro especializado do mundo.

Seu devotamento à instituição que dirigia e seu caráter desprendido estão bem demonstrados na carta datada de 12 de agosto de 1917 que Vital Brazil escreve ao Dr. Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior do Governo do Estado de São Paulo, sobre a patente dos soros antipeçonhentos.

"Recebendo agora, por intermédio do Dr. Otávio Veiga, a patente dos soros antipeçonhentos, que por inspiração de V. Exa. requeri e obtive, tenho a honra de oferecer-lhe, como Secretário do Interior, o direito de ser esta patente explorada no Instituto Butantan em benefício do mesmo Instituto.

V. Exa. resolverá o melhor meio de legalizar a oferta que faço no empenho de ser útil ao estabelecimento que fundei, que tenho dirigido com dedicação e ao qual dei até hoje o melhor dos meus esforços.

Os meus estudos sobre ofidismo, começados antes de fazer parte de qualquer dos institutos de higiene do Estado e quando ainda clinicava em Botucatu, exigiram da minha parte uma série de sacrifícios e esforços, fora da esfera dos meus deveres de funcionário. Por este motivo não tive vacilações em aceitar a sugestão de V. Exa., no sentido de requerer a patente, que ora ofereço como uma das colunas de sustentação do estabelecimento, onde encontrei os meios materiais para a resolução do problema do ofidismo na América, resolução esta que constitui o principal motivo do renome de que goza o nosso Instituto e do seu progresso atual.

Fazendo votos para que os generosos intuitos encontrem a aceitação de V. Exa., tenho a honra de apresentar os protestos de minha elevada consideração."

A resposta é datada de 25 de setembro de 1917:

"Tenho muita satisfação em responder à carta em que V. Sa. me comunica o desejo de oferecer ao Instituto Butantan a patente para o preparo de soros antipeçonhentos. É com especial agrado que aceito a oferta.

O Governo bem sabe aquilatar os sacrifícios e esforços que, há muitos anos e com o maior desprendimento, V. Sa. consagra ao estabelecimento que criou e ao qual devemos a resolução científica do problema do ofidismo, fato este de inestimável contribuição para tomar o nome do Brasil respeitado nos mais adiantados centros científicos estrangeiros, onde bem se aprecia o valor das pesquisas relativas a tão importante capítulo da patologia indígena.

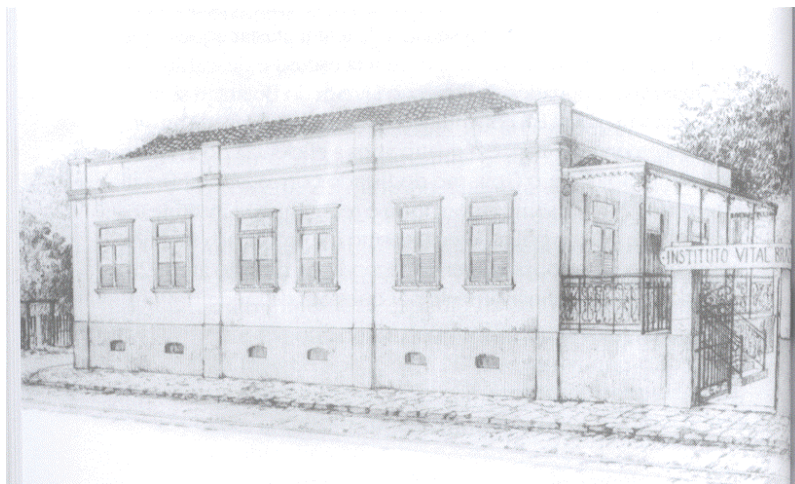
A espontânea e desinteressada resolução de V. Sa. só merece aplausos e eu faço votos que o Instituto que tanto lhe deve possa contar, por muitos anos, com o valioso concurso de sua grande competência e sábia direção.

Apresentando a V. Sa. os agradecimentos do Governo do Estado, peço que receba os cumprimentos muito afetuosos do amigo e colega Oscar Rodrigues Alves. (cópias em poder do Dr. Alexandre Canalini - Biógrafo de Vital Brazil).

No afã de ser útil à causa pública, Vital Brazil organiza, com seu talentoso auxiliar Augusto Esteves, uma coleção de murais destinados à educação sanitária do povo, que examinados pelo Dr. Oscar Thompson, então Diretor Geral da Instrução Pública, resultou na idéia da criação, no Butantan, de um curso destinado ao preparo dos professores e diretores de grupos escolares em questões da saúde e na utilização da escola como elemento de educação sanitária. Em 10 de novembro de 1918, o jornal **O Estado de São Paulo** noticiava a conclusão do curso de Higiene Pública Elementar pela primeira turma constituída de diretores de escolas normais e grupos escolares.

Tal sucesso não podia deixar de gerar inveja, e a política dos invejosos não podia ser outra senão a de tentar afastar aquele que a causou. Não admitindo a interferência escusa e descabida de algumas das autoridades do Estado, o Diretor do Butantan se afasta, desejando o bem e a continuidade da sua obra. Mas sua ausência é fortemente sentida, em quatro anos a eficiência do instituto está muito abalada; o Governo do Estado convoca Vital Brazil que, em 1924, reassume o comando e reorganiza a instituição, trazendo de volta o brilho, o

entusiasmo e a produção científica com eficiência redobrada, permanecendo na direção até 1928, quando se afasta definitivamente por questões de saúde.



Primeira sede do Instituto Vital Brazil

(Rua Gavião Peixoto - Niterói)

O Instituto Vital Brazil

Deixando a direção do Butantan, em 1919 Vital Brazil veio para o Rio de Janeiro. Apesar de convidado por Carlos Chagas para trabalhar em Manguinhos, resolveu fundar um novo laboratório, por achar que o Brasil necessitava de um número maior de instituições científicas, onde o estudo e a pesquisa se ocupassem da solução de seus graves problemas.

Nessa ocasião, em discurso de agradecimento pela homenagem recebida da sociedade médica paulista em almoço realizado em 14 de julho de 1919, Vital Brazil assim se manifestou:

"O nosso caro Brasil, tão vasto, tão cheio de riquezas, onde se encontram a cada passo, ao lado de cada atividade, de cada iniciativa, muitas causas inibitórias de origem patológica, está reclamando da ciência a solução de muitos problemas. É nos laboratórios que se poderá encontrar a solução para esses problemas e daí a necessidade do maior número de institutos científicos, que trabalharão ao mesmo tempo nas questões que interessam ao desenvolvimento do País, como na formação de nossos cientistas que, por sua vez, constituirão oportunamente outros tantos centros de atividade científica."

Instado por seus mais chegados assistentes, que o acompanhavam, e com o apoio do Dr. Raul Veiga, então Presidente do Estado do Rio de Janeiro, o Dr. Vital

Brazil fundou em Niterói o Instituto que leva seu nome. A Instituição apresentava um novo desafio, pois além da pesquisa e da preparação dos soros e vacinas, deveria criar uma linha de produtos para uso veterinário, realizar o serviço anti-rábico e os exames de saúde pública para o Estado do Rio. Nessas condições, a organização previu a comercialização de alguns produtos para dar sustento à parte científica, já que se tratava de uma iniciativa essencialmente particular.

Seus assistentes eram:

Dr. Dorival de Camargo Penteado, o mais antigo deles, foi o segundo a ser admitido no Butantan trabalhava com Vital Brazil desde 1902 e fez questão de acompanhar seu diretor.

Dr. Octávio Veiga, admitido no Butantan em 1916, era irmão do então Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Raul Veiga. Devido à aproximação do cientista com o governo do Estado do Rio, foi o mentor e responsável pela vinda do instituto para Niterói.

Dr. Arlindo de Assis, na época recém admitido no Butantan. Em 1918, por iniciativa própria e decisão inabalável decidiu acompanhar o cientista, tornando-se um dos seus maiores colaboradores.

Os auxiliares:

Augusto Esteves foi admitido em setembro de 1912 no Butantan. O jovem desenhista se especializou na ilustração de trabalhos científicos, colaborando em todos os trabalhos desenvolvidos pelo Instituto. Apresentou-se espontaneamente ao diretor quando da sua vinda para Niterói. Alertado por este de que a nova organização não comportava a presença de um desenhista e de que não havia recursos para esta despesa, respondeu com a disposição de realizar qualquer trabalho desde que lhe fosse permitido acompanhar o cientista. Foi o braço direito de Vital Brazil na nova organização, desenhou todo o material gráfico, logotipo, embalagens etc. Assumiu todo o serviço burocrático, contabilidade, caixa, compras, expedição, trabalhando na instituição até 1934. Em 1920 tornou-se genro de Vital Brazil, quando se casou com sua segunda filha, Alvarina.

José Marques, filho de imigrantes espanhóis. Quando seu pai foi contratado pelo Butantan, mudou-se com a família para uma das casas da pequena e modesta vila operária do Instituto, onde passou toda a infância. Foi alfabetizado por uma das irmãs de Vital Brazil, em uma sala de aula criada por ele para os filhos de funcionários. Aos 18 anos, em 22 de novembro de 1917, foi contratado como servente do Instituto Soroterápico. Em 1919, único funcionário convidado por Vital Brazil, veio para Niterói, com a autorização dos pais, para trabalhar como auxiliar de laboratório no então recém criado Instituto Vital Brazil.

Excedendo todas as expectativas, atuava onde houvesse necessidade de sua presença, sem distinção alguma de hora, dia ou do serviço a ser feito. Por sua dedicação e competência tornou-se administrador do laboratório; sob seu controle e orientação direta ou indireta funcionavam todos os serviços de apoio na área de produção. Seu fiel devotamento à instituição e ao cientista Vital Brazil durou mais de 50 anos. Faleceu em 6 de dezembro de 1969. Sua dignidade, retidão de conduta e firmeza de caráter serviram de exemplo para todos os que com ele conviveram. Seu nome merece um lugar de destaque na memória deste Instituto.

No laboratório improvisado em uma casa da Rua Gavião Peixoto, esquina com Mariz de Barros, tiveram início os trabalhos do IVB. No grande terreno da olaria desapropriado pelo Estado para abrigar a instalação do Instituto só existia um pequeno e velho galpão que, adaptado, passou a abrigar os animais em imunização. Para que essas instalações e os animais não ficassem abandonados durante a noite, foi então construída uma pequena e modesta casa de dois cômodos ocupada por José Marques, o primeiro funcionário do IVB, que hoje recebe aqui merecida homenagem.

A limitação de reduzidos recursos frente à necessidade de investimento fez que com que essa equipe tivesse que se dedicar totalmente à nova instituição, sem escolher dia, hora ou serviço a ser realizado. Somente 3 anos mais tarde, em 1923, com a construção de mais um pequeno galpão, foi possível trazer o laboratório da rua Gavião Peixoto para a Travessa da Olaria.

Sobre essa fase do IVB, o eminente bacteriologista Dr. Arlindo de Assis assim se reportou no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Medicina:

"Estávamos agora em julho de 1919, na amena Niterói, ele a repetir o sortilégio da primitiva e longínqua fazenda paulistana, para ensinar, ao vivo, a lição fecunda de fazer prosperar ciência lídima num prédio adaptado, à rua Gavião Peixoto n° 360; e o seu único e jovem colaborador, envaidecido pelo chamamento do Mestre e transbordante de esperanças que a sede de um ideal multiplicava e robustecia.

No decênio que se seguiu, ainda labutando em instalações precárias e provisórias, mas já com responsabilidades públicas urgentes e graves, com sua linha de indagações científicas norteadas, suas reservas bibliográficas asseguradas e atualizadas, seu treinamento intenso de pessoal técnico e seu poder natural de atração sobre novas gerações de estudiosos, o Instituto Vital Brazil transformou-se numa forja de vocações e numa oficina de armamentos sanitários.

Despojados da grandiosidade aparente de traços arquitetônicos, que tanto comprazem as visões superficiais e desprovidos, até, do próprio conforto indispensável a arrostar as intempéries do nosso clima tropical,

os pavilhões modestos de Vital Brazil aguardavam silenciosamente por dias melhores, como se sondassem o ânimo e a força espiritual dos seus levitas. Em compensação, não se mediam gastos para a concepção, para o andamento e para a conclusão dos seus planos de trabalho.

Em tal ambiente, materialmente árduo e penoso, mas soberbo de ensinamentos à inteligência e à vontade, planara com superioridade e compreensão tranqüila a figura alada do seu fundador.

Refugiado discretamente na singeleza das atitudes e na modéstia recatada do trato, Vital Brazil Mineiro da Campanha oferecia um surpreendente contraste com a vivacidade contagiante de tantos outros que se elevam da craveira comum, mas que, consciente ou inconscientemente, permitem adivinhar-lhes as paixões sutis por que orientam as ações ou a vida.

Com ele privei longamente, já na idade madura, quando seu temperamento sereno e generoso tornava fácil o entendimento dos homens e das coisas, sem deformar-lhes as perspectivas potenciais.

A solidez de suas realizações era função normal de uma imaginação predestinada, que soubera plasmar com a argamassa de sua experimentação judiciosa, que lograra destruir as interpretações oblíquas e tendenciosas e que, por fim, restara perpetuamente consagrada na prática redentora das tragédias causadas pelo ofidismo e por outros venenos animais, por ele banidas dos nossos mapas nosológicos.

Empolgado instintivamente pela filosofia da ação e retemperado pela meditação sobre a relatividade das vanglórias humanas, Vital Brazil era o protótipo do professor de energia, que praticava como convém, sem exhibições, nem alardes, comunicando-lhes insensivelmente um feitio ético.

No labirinto das questões sobre que era convidado a opinar ou resolver, era um fascinante exercício vê-lo descobrir, com seu bom senso ingênito, a ponta do fio misterioso cujo enovelamento gerava a confusão e a perplexidade, mas que o seu engenho desfazia.

Assim se pode entender como lhe foi fácil retificar o conceito da unicidade da soroterapia anti-ofídica, que os seus descobridores sustentavam e que ele substituiu vitoriosamente pelo de uma pluralidade mais oportuna e regulada de acordo com as diferenças antigênicas entre as peçonhas das famílias e dos gêneros de serpentes afro-asiáticas e americanas". (Pinheiros Terapêutico, julho-agosto de 1965, vol. 17, nº 85).

Em 1938, já com reputação reconhecida em todo o mundo científico, desejoso de dotar a instituição de modernas e atualizadas instalações, Vital Brazil resolve contratar seu filho, Álvaro Vital Brazil, engenheiro arquiteto, para projetar e construir suas novas instalações, inauguradas há 57 anos, exatamente no dia 11 de setembro de 1943, na presença do Presidente da República e grande número de autoridades.

Nesse dia, em seu discurso Vital Brazil assim se expressou:

"O Instituto Vital Brazil, por sua organização, é único no âmbito nacional. É um estabelecimento científico, tendo a seu crédito trabalhos de valor e de acentuada projeção social. Possui duas revistas das quais uma destinada, exclusivamente, ao registro de trabalhos originais, realizados em seus laboratórios e outra de vulgarização científica. Mantém na sua sede o serviço anti-rábico inteiramente gratuito para os pobres. Responde a consultas de ordem técnica e científica, contribuindo assim para a elevação educacional em matéria de higiene e defesa sanitária humana e animal. Tem no seu programa a organização de vários cursos de aperfeiçoamento.

Se vende os produtos que fabrica, tem nesse fato um dos maiores motivos de apreço, porque assim, não só presta serviço ao público, à classe médica e às autoridades, como obtém os meios de sustentação, evitando ser pesado aos cofres públicos, antes contribuindo para estes, com vultosa quantia."

A seguir faz o cientista detalhado relato sobre os principais produtos do IVB, ressaltando a importância da produção das vacinas contra a raiva, a febre tifóide e a difteria. Os soros antiofídicos, contra a peste bubônica, a disenteria e o tétano. Para uso animal, as vacinas contra a aftosa, o carbúnculo e a peste suína.

Nos seus laboratórios, jovens estudiosos encontraram os meios e a orientação técnica para se iniciarem na carreira da pesquisa científica, alcançando alguns deles notoriedade pela própria competência. Salvo algum lapso de nossa parte, foram eles: Miguelote Vianna, Vital Brazil Filho, Americo Braga, Rui Vital Brazil, Ortiz Pato, Luiz Tavares de Macedo, Romero Cunha, Oswaldo Vital Brazil, Victor de Brito, Rui Barroso, Jorge Vieira e Roched Seba.

Com a Segunda Guerra, a gigantesca indústria farmacêutica norte-americana, custeada pelo esforço de guerra, não só desenvolveu novos medicamentos, como também novos métodos de produção, o que lhe garantiu uma enorme superioridade mundial nesta área. Foi sob essa condição que, em 1945, com o término das hostilidades, para sobreviver viu-se o gigante americano obrigado a conquistar novos centros de consumo ou reduzir drasticamente suas linhas de produção de farmacos e quimioterápicos.

Nestas condições, o Brasil tornou-se um dos desejados centros que poderiam e deveriam ser conquistados. Entre 1945 e 1955, grandes organizações aqui aportaram; adquirindo ou se associando aos estabelecimentos mais tradicionais, conquistaram por completo o espaço e o mercado farmacêutico brasileiro. A ação de interesse puramente comercial, com fartura de recursos e modernidade empresarial, não encontrou nenhuma resistência aos seus objetivos.

Aos poucos foi sendo implantada a indústria da doença em nosso país, políticos desavisados foram incentivados a investir na construção de grandes hospitais, no visível e no imediato, em detrimento do indispensável investimento no saneamento básico, na educação, na política sanitária e nas nossas fontes de pesquisa, o que resultou numa população cada vez mais carente e menos saudável.

O IVB resistiu a algumas investidas, fiel ao seu primeiro compromisso com a pesquisa científica e produção de biológicos; seus acionistas, liderados por Dinah Brazil, viúva do cientista, não abriram mão do compromisso da continuidade dos objetivos sociais assumidos na sua criação, o que inviabilizava qualquer negociação com os interessados apenas no comércio e no lucro. Em 1956, ameaçado de fechar as portas, com imenso prejuízo acumulado nos 10 últimos anos, o IVB foi encampado pelo governo estadual, que assim garantiu a continuidade do seus fundamentos sociais.

Nesses anos que passaram, assistimos de longe à passagem de algumas administrações, umas mais ativas, outras sem expressão, mas quase todas autoras de iniciativas impróprias e danosas à organização, motivadas pelo total desconhecimento de sua história, princípios e objetivos. É pois com imensa satisfação que vemos o interesse da administração atual, manifestado pela criação do Museu do Instituto Vital Brazil, que certamente irá reunir a documentação ainda existente e resgatar a história desta magnífica instituição, cujo conhecimento e divulgação certamente irão ajudar os futuros dirigentes a entender melhor suas atribuições. Liderada por este brilhante administrador, Dr. Jorge Bermudez, a equipe que ora dirige os destinos desta organização está fadada a deixar seus nomes inscritos nas melhores páginas de sua história.

O fato de ter organizado e construído dois grandes Institutos de Medicina Experimental a partir do nada coloca Vital Brazil em posição única na história da ciência. Da importante obra do cientista constam mais de cem trabalhos publicados nas mais diversas revistas especializadas, reconhecidos internacionalmente por sua qualidade técnica e também pela clareza e exatidão das informações transmitidas pelo autor. A realização desse imenso trabalho só foi possível a partir da colaboração dedicada de seus assistentes, técnicos do mais elevado nível, homens de ciência de reconhecido valor reunidos por Vital Brazil, o qual com elevado espírito de justiça, austeridade, dedicação e competência a toda prova, os inspirava e orientava no prosseguimento da pesquisa em ambiente de respeito mútuo, confiança e amizade fraterna.



Funcionárias do Instituto Vital Brazil (década de 50)



Linha de produção atual do Instituto Vital Brazil

A Família

Vital Brazil constituiu família por duas vezes, a primeira em 1892; logo após sua formatura casou-se com Maria da Conceição Philipina de Magalhães, sua prima em terceiro grau, com quem teve 12 filhos, dos quais apenas nove chegaram à idade adulta. Viúvo em 1913, casou-se novamente em 1920 com Dinah Carneiro Vianna, com quem teve mais nove filhos. Dezoito filhos chegaram à idade adulta, nove do primeiro e nove do segundo casamento. Seis homens e três mulheres de cada um deles.

Faleceu Vital Brazil, aos 85 anos, no Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1950, legando ao povo brasileiro esta gigantesca obra, sólido patrimônio da ciência nacional, reconhecida e respeitada em todos os centros científicos do mundo. Homem íntegro, amante da verdade, dotado de excepcional inteligência, autodeterminação e força de vontade, desprovido de vaidade e desapegado aos bens materiais, teve um sentimento maior: **o desejo de servir ao seu semelhante, ao seu país e à humanidade.**

Muito obrigado,

Lael Vital Brazil



Vital Brazil com a primeira esposa e os filhos: Vitalina, Ari, Alvarina

(Instituto Butantan em 1905)



Vital Brazil com descendentes de ambos os casamentos (1935)



Descendentes de Vital Brazil tendo ao fundo a Casa de Vital Brazil em Campanha - MG